

PAIXÃO EM TEMPOS DE SACOLA ECOLÓGICA

ESTUDO ACHA PLÁSTICO EM MAR DO POLO NORTE

Amostras, coletadas por pesquisadora britânica, revelam resquícios de material pela primeira vez na região (CLAUDIO ANGELO)

“A grua do navio levanta e despeja no convés uma rede em formato de cone. A oceanógrafa inglesa Clare Miller, porém, sabe o que procura ali - e não são peixes. Ela logo esvazia a ponta da rede dentro de um balde, revelando algas, plâncton e... plástico.”

Folha de São Paulo – Ciência - terça-feira, 06 de setembro de 2011.

– Rosquinha, por favor! Colocou o pacote em sua já surrada sacola plástica. “Eterna enquanto durasse” era o lema proposto à sacolinha verde. Não gostava das ecológicas a que todos foram obrigados a usar. Também não gostava de rosquinhas. Ela sim, ouviu um dia por acaso.

Foi por ela, aliás, que levantou mais cedo e passou na padaria antes do trabalho. A estratégia consistia em chegar ao intervalo, assim, como quem não quer nada, abrir a sacola, tirar a rosquinha, ameaçar uma primeira mordida e, antes de consumir o fato, olhar para ela e dizer: “Aceita?”

Até ali tudo parecia perfeitamente sobre controle. Até a respiração ofegante e as mãos frias e trêmulas eram esperadas. Afinal, não é todo dia que se resolve vencer a timidez e se declarar. Ela merecia qualquer esforço. Por ela venceu o medo de mar, o nojo de peixes. Trocou a informática pela biologia marinha só para ficar perto da oceanógrafa.

Hora do intervalo: os fumantes correndo para fora, as mulheres falando de esmalte, as brincadeiras com o torcedor derrotado. Ele sentou-se estrategicamente próximo à mesa do café. Pôs a sacola em cima da mesa e esperou. E ela, cadê? Ainda

suspirava buscando uma resposta à sua pergunta, quando avista sua musa. Com sofreguidão, pega uma rosquinha e começa a mastigar. Mas a garganta seca não ajudou e ele começou a tossir e jogar farelos para todos os lados.

“Calma!” “Levanta os braços!” “Água!” E aquele tanto de gente era incapaz de acobertá-lo. Ela continuava ali, com o olhar que ele mais temia: o olhar de pena. Ainda não totalmente recuperado saiu correndo da sala. Tudo o que queria era um buraco para se esconder. Na ausência de melhor esconderijo, refugiou-se no almoxarifado. O rosto voltava gradativamente à cor natural. A cabeça dificilmente recuperaria do fiasco. Precisava voltar à sua sala, terminar o relatório, mas só pensava naquele olhar. Cobriu o rosto com as mãos tentando inutilmente apagar da lembrança os últimos acontecimentos. Foi quando sentiu uma mão fria sobre a sua.

– Está tudo bem?

– *Oui*, quero dizer, *yes*, sim! “Que diabos foi isso? Falando francês com a inglesa?” perguntou para si, em mais um daqueles diálogos internos.

– Vim devolver sua sacola. *By the way*, você leu meu estudo sobre o impacto ambiental provocado por essas sacolas? Francamente, se nós que trabalhamos com a natureza não dermos o exemplo, quem dará?

Ele não conseguiu dizer nada. Observou a mulher sair do almoxarifado e foi incapaz de abrir a boca. Era a gota d’água! Com a sacola na mão, correu atrás dela, segurou pelo braço e gritando, soltou tudo aquilo que queria:

– Sua insensível! Comprei essas malditas rosquinhas para você! Fiquei como um idiota esperando que você aparecesse, me engasgo com essa porcaria e tudo o que você consegue pensar é em como a minha humilde sacola pode destruir o ambiente? Quer saber de uma coisa? Cansei! – soltou a mulher, deu uma bela mordida numa rosquinha e, sem engasgar, saiu feliz com a coragem recém adquirida.

Aparentemente ela estava impassível. Por dentro, sentia muita vergonha. Até então nenhum homem havia sido tão duro com ela. E gostou disso. Pela primeira vez, estava apaixonada. No dia seguinte comprou rosquinhas e esperou por ele que não voltou. Seguiu o ritual durante semanas, mas foi transferida para Noruega. Longe do Brasil e dos biscoitos, conseguiria esquecê-lo. Estava tudo certo, até que a rede do barco de pesquisa despeja a coleta feita no mar.

Teia - nº 4 - maio/2012 - Ficção/prosa.

- *Oh shit!* Grita ela ao avistar o objeto.
- Pior doutora, pior: é uma sacola plástica verde.

Danielle Fullan¹

¹ Graduanda em Letras pela FALE/UFMG